



Formação para a cooperação em trajetórias de vida e trabalho

Training for cooperation in life stories and work careers

Ana Terra Ribeiro Torquato
aterra@icaro.unisinos.br
Daiana Rozi Mello Cargnin
daianacargnin@yahoo.com.br
Maria Clara Bueno Fischer
clara@unisinos.br

Resumo: O artigo refere-se a uma reflexão acerca de saberes de cooperação, desenvolvidos ao longo da vida e do trabalho, de pessoas de uma cooperativa de calçados da região do Vale do Rio dos Sinos, RS. A reflexão tem como base resultados parciais de uma pesquisa de natureza qualitativa intitulada "Saberes do trabalho cooperativo e trabalho cooperativo do saber". As reflexões a respeito de experiências de vida e formação desenvolvidas por Josso (1999, 2004) e as reflexões de Fischer (2003, 2004) a respeito de experiência e sistematização da experiência e, ainda, as desenvolvidas por Santos (2003) sobre produção e legitimação de saberes constituem-se no referencial teórico utilizado. Nas histórias de vida dos entrevistados, as vivências de trabalho no campo, na ação sindical e na própria cooperativa foram, e são, fundamentais para a constituição de seus saberes de cooperação. Tais saberes têm sido produzidos no cotidiano, em que a observação da prática do e da outro (a) e a sua própria constituem-se no modo de aprendizagem central. Reconhecem também a importância das atividades de formação oferecidas por sindicatos e por uma escola de trabalhadores para a sua atuação em atividades de trabalho cooperativo. Os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa permitiram o acontecer da tomada de consciência dessa formação, a partir das vivências, na e para a cooperação. Os pesquisados puderam realizar o que Josso (1999, 2004) indica como transação de vivências para experiências formadoras. A pesquisa contou com o apoio do CNPq.

Palavras-chave: saberes de cooperação, trabalho, pesquisa-formação, experiência, sistematização.

Abstract: The article contains a reflection about knowledge from cooperation, developed in the course of life and work by members of a footwear cooperative in the Sinos River Valley, RS. The reflection is a partial result of a research project titled "Knowledge from cooperative work and cooperative work of knowledge." The reflections on life and training experiences developed by Josso (1999, 2004), Fischer's reflections (2003, 2004) about experience and systematization of experience and those developed by Santos (2003) on production and legitimization of knowledge are the article's theoretical references. In the life stories of the interviewed persons, the experiences of work in agriculture, in trade union activities and in the cooperative itself have been and continue to be essential for the constitution of their knowledge from cooperation. Such knowledge has been produced in daily life, in which the observation of their own practice and of others constitutes the main learning mode. They also recognize the importance of the training activities offered by unions and a school of workers for their participation in activities of cooperative work. The methodological procedures adopted in the research project allowed workers to become aware of that training on the basis of the experiences, in the and for cooperation. They were able to do what Josso (1999, 2004) calls the transaction from experiences to training experiences.

Key words: knowledge from cooperation, work, research-training, experience, systematization.

Neste artigo, temos como objetivos sistematizar e analisar saberes de cooperação produzidos em situação de vida e de trabalho, incluindo o atual contexto do empreendimento econômico solidário pesquisado, contribuindo, assim, para a qualificação dos processos formativos voltados para este tipo de empreendimento. Utiliza resultados parciais de uma pesquisa intitulada *Educação cooperativa: produção e legitimação de saberes para e no trabalho*. Tivemos como base de dados entrevistas com cinco mulheres e cinco homens de uma cooperativa de calçados.

Na sua maioria, essas cooperativas surgem devido a demissões em massa, principalmente no início dos anos noventa, na Região do Vale do Rio dos Sinos, e foram vistas, na época, como uma alternativa para amenizar a crise que se instalava no setor do calçado. Segundo Icaza (2004), o Estado do Rio Grande do Sul conta com aproximadamente 20 cooperativas que produzem calçados, nas quais trabalham cerca de mil associados, cujos serviços são prestados geralmente às empresas maiores. A renda média destes trabalhadores fica entre R\$ 350,00 a R\$ 550,00, e a sua principal motivação é encontrar uma opção ao desemprego. Essas cooperativas trazem também experiências que destacam a capacidade de iniciativa e busca dos associados na reorganização de espaços econômicos e sociais. São espaços que permitem a construção da autogestão, uma modalidade de organização que permite um melhor gerenciamento dentro desse tipo de empreendimento. Com isso, ficam evidentes as igualdades de direitos, a pouca diferença na remuneração, decisões tomadas em caráter coletivo, práticas cooperativas e o ambiente de trabalho que valoriza o trabalhador. Embora suas perspectivas de desenvolvimento dependam das tendências do setor em que se inse-

rem, as perspectivas em curto prazo de retorno aos trabalhadores são animadoras, visto que, como já foi dito, se constituem em uma opção de emprego e renda. A cooperativa de calçados em que trabalham os homens e as mulheres cujas entrevistas serviram de base para este artigo traz uma reflexão qualitativa focalizada nas experiências do cooperativismo no setor do calçado no Rio Grande do Sul.

A cooperativa em questão foi estabelecida por trabalhadores do calçado, também no início dos anos noventa, com o apoio do Sindicato dos Sapateiros da cidade, para enfrentar o desemprego no setor do calçado naquele momento. Possui sede e maquinários próprios. Tem sua produção definida a partir da dinâmica e demanda da indústria coureiro-calçadista da região do Vale do Rio dos Sinos, RS, onde se localiza. Desde os primeiros tempos de implementação do empreendimento, havia uma produção constante devido à sua ligação com uma grande empresa do ramo. A partir de 2005, há uma intermitência nos pedidos em função do término da relação com a empresa. Há tentativas de produção de modelos próprios, cuja viabilização é sempre difícil em função dos custos de produção e outros aspectos. Entretanto, esta iniciativa poderia lhes garantir maior autonomia econômica e política.

Através de narrativas de fragmentos das histórias de vida dos sujeitos pesquisados, foi possível observar como cada um caminha na sua existência construindo o seu “saber-viver” em co-operação. Este processo é entendido como histórico e se constrói em espaços e tempos coletivos, mas também singulares. Nessa ação de promover a retomada das histórias de vida e de trabalho dos pesquisados, tivemos a intenção de contribuir com a tomada de consciência das vivências pregressas significativas e as ocorridas hoje, na coopera-

tiva relacionadas à produção de saberes de cooperação. A abordagem teórica metodológica de pesquisa-formação de Marie-Christine Josso (1999, 2004), na qual nos inspiramos, informa que a tomada de consciência das vivências significativas pelo sujeito possibilita o ressignificar das mesmas, tornando-as experiências de vida formadoras.

A este referencial teórico articulamos o estudo de Fischer (2003, 2004) acerca da sistematização dos saberes de experiência. Para a autora, ao sistematizarmos práticas e saberes, ampliamos a possibilidade de implicação do sujeito pesquisado na produção e legitimação de seus saberes, conceito considerado fundamental para os processos de criação e de implantação de empreendimentos econômicos solidários, pois se espera que os envolvidos tenham uma preocupação permanente com a construção do seu protagonismo dentro da história. Este seria facilitado pela identificação e reconhecimento do processo de sua produção e, então, pela sua legitimação.

No decorrer da pesquisa, nós, enquanto pesquisadoras, passamos a desempenhar um papel também de formadoras, que formam e se formam na relação com o sujeito da pesquisado. Ou seja, quem pesquisa torna-se um pesquisador-formador que, sendo também aprendente, está em formação neste processo, pois, segundo Josso (2004) “formar é sempre se formar” (p. 14).

Na medida em que eu e os/as entrevistados/as refletíamos sobre nossas trajetórias de vida e as escolhas que fazemos, o espaço-tempo de pesquisar foi se tornando um trabalho de todos/as e não somente meu. Esta movimentação, enquanto pesquisador/a que se pesquisa e se forma no ato de pesquisar, nos aproxima da idéia de aprender na interação de ser ator/atriz e autor/a numa continuidade e historicidade (Fischer *et al.*, 2005, p. 7).

O processo formativo dá-se no momento em que o sujeito tem consciência de suas vivências em um movimento de requestionar e recombinar os seus saberes, passando a construir um novo significado para os mesmos. Assim, através da narrativa de fragmentos de histórias de vida, contadas para si e para os outros, recorda o que há de mais significativo em relação à sua história. Nesse “caminhar para si” e “caminhar com o outro” – expressões utilizadas por Josso –, vai se dando conta de suas aprendizagens e do processo através do qual desenvolve sua “formação”.

A situação de construção da narrativa de formação, independentemente dos procedimentos adotados, oferece-se como uma experiência formadora em potencial, essencialmente porque o aprendente questiona as suas identidades a partir de vários níveis de atividade e de registros (Josso, 2004, p. 40).

Através das entrevistas, resgatamos com as mulheres e os homens acontecimentos significativos de suas histórias de vida, possibilitando, desta forma, a construção de uma “outra” narrativa. O cooperativado, então, ressignifica as situações marcantes da sua trajetória num movimento de “caminhar para si”. As entrevistas foram conduzidas com perguntas semi-estruturadas partindo dos tópicos: experiências significativas de cooperação na família, na escola, em situações de trabalho, incluindo a própria cooperativa e na comunidade; significado de cooperação para os sujeitos de pesquisa; exigências do trabalho cooperativo; relação dos aprendizados de cooperação construídos ao longo da vida e trabalho com aqueles realizados na cooperativa. Posteriormente, as entrevistas foram transcritas pela equipe de pesquisa.

Cada um dos pesquisados teve a oportunidade de ler individualmente

as entrevistas na íntegra e, também, acrescentar informações, ou mesmo retirar. Com essa ação, tivemos a intenção de proporcionar uma situação individual para a realização de um processo de “caminhar para si” buscando um autoconhecimento focado, especialmente, no tema da cooperação. Neste processo, há o reconhecimento de si mesmo como sujeito, a tomada de consciência da sua história, dos seus desejos, as suas criações e as suas potencialidades encarnadas num ser que aprende a ocupar-se com responsabilidade da sua existência.

O processo de caminhar para si apresenta-se, assim, como um projeto a ser construído no decorrer de uma vida, cuja atualização consciente passa, em primeiro lugar, pelo projeto de conhecimento daquilo que somos, pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos na nossa relação conosco, com os outros e com o ambiente humano e natural (Josso, 2004, p. 59).

Elaborar a sua história de vida, ativar a memória para verbalizar as experiências marcantes e a partir desse movimento, trabalhar o sentido desses materiais compreendendo o que foi a formação, constitui uma prática de tornar-se autor da própria vida. Esse trabalho introspectivo desenvolve-se no “confronto” com o olhar de um outro, lidando com as intensidades que este encontro gera. “Assim, o próprio procedimento põe ao mesmo tempo em evidência a impossibilidade de existir independentemente de outrem e o desejo de existir, apesar de outrem” (Josso, 2004, p. 61).

Segundo Josso, a construção da narrativa oral faz-se na preparação do indivíduo para uma investigação dos períodos significativos do percurso de vida de cada um, bem como os acontecimentos e experiências significativas de cada período. Este trabalho de memorização tem como intenção articular as experiências conta-

das com os percursos formativos que deixaram marcas. As pessoas significativas, os acontecimentos pessoais e sócio-históricos começam a pintar as bordas da singularidade de um percurso de formação.

Junto com o “caminhar para si”, há também o movimento de “caminhar com”, onde é feito um trabalho de memorização, de ligação e de partilha, e, com o coletivo, o sujeito tem a possibilidade de dar-se conta de seu aprendizado, dando outros significados aos momentos importantes de sua trajetória. Nesta direção, parece-nos haver o reconhecimento de que a vida de um encontra eco na do outro. A intenção deste movimento de “caminhar com” é, portanto, promover a co-interpretção das experiências de vida através do diálogo; é, também, despertar a potencialidade do sujeito de se auto-orientar e de também se autoformar, pois o conhecimento a respeito de si e a respeito do outro (“saber-viver”) lhes dá suporte para se guiarem na construção da sua história de vida.

É neste movimento dialético que nos formamos como humanos, quer dizer: no pólo da auto-interpretção, como seres capazes de originalidade, de criatividade, de responsabilidade, de autonomização; mas, ao mesmo tempo no pólo da co-interpretção partilhando um destino comum devido ao nosso pertencer em uma comunidade (Josso, 2004, p. 54).

O “caminhar com” dá-se através do encontro coletivo com os pesquisados, sendo este um momento importante de partilha e, possivelmente, de ressignificação de suas vivências, num sentido de co-interpretção. Foi entregue a cada um dos participantes o material relativo ao que havíamos trabalhado. Neste, incluímos as transcrições das entrevistas, as informações categorizadas e as fotos de nossos encontros.

Possibilitar aos trabalhadores o acesso a este material para leitura ou

releitura, além dos momentos de entrevistas e do encontro em grupo, teve a intenção, de nossa parte, de construir mais um momento de “transição” de suas vivências para experiências formadoras, especialmente no que diz respeito à sua apropriação e desenvolvimento de seus saberes de cooperação.

No contexto desta pesquisa, podemos afirmar que as vivências significativas de trabalho estão localizadas no lar, no trabalho doméstico (este entendido como associado ao “trabalho de casa” que envolvem as atividades não remuneradas relacionadas com a produção e reprodução do lar); nas vivências de trabalho na agricultura, em empresas de médio e grande porte da indústria calçadista; no sindicato; no trabalho em *atelier* de calçado e na experiência atual da cooperativa de calçados. As categorias utilizadas para organizar os saberes de cooperação e o processo de produção dos mesmos foram estas: tarefas realizadas no trabalho; habilidades, atitudes e valores desenvolvidos e, ainda, como e onde tudo foi aprendido e/ou ensinado.

Para todos os entrevistados, o trabalho tem sido atividade central na produção de sua existência e, particularmente, na produção de seus saberes de cooperação. É possível perceber a historicidade da concepção e prática de cooperação na sua relação com uma das vivências centrais do ser humano, o trabalho. Nesta direção, o pesquisado, ao reescrever a sua história de vida, re-contando as experiências marcantes, os momentos decisivos da sua trajetória, pode explorar quais as situações de vida e de trabalho que trouxeram os saberes de cooperação. A partir dos acontecimentos cotidianos, fazem as ligações com o significado do que entendem por cooperar. As suas experiências vividas, com a família em especial, ou mesmo nas situações de trabalho, são utilizadas para expressar o que é cooperação.

Tanto eu aprendi, como ensinei, porque desde fazer comida, lavar roupa, costurar uma roupa, arrumar, passar, tudo isso minha mãe me ensinou, eu aprendi com a minha mãe e depois quando eu tive minhas filhas eu ensinava para as minhas filhas. Então eu entendo assim que é uma cooperação, eu cooperava e os outros cooperavam comigo e a gente ia se ajudando (A. – Informação verbal).

[...] a mais velha (filha) às vezes me ajudava com as mais fáceis, mas ela estudava. E a noite quando ele chegava (marido) me ajudava, principalmente nos primeiros tempos para dar conta de tudo, e nos finais de semana quando era no sábado trazia cem, duzentos pares e nós amanhécíamos. Isso também é cooperação (A – Informação verbal).

Os saberes de cooperação produzidos e/ou necessários para o trabalho cooperativo provêm, em grande parte, então, das vivências de trabalho ao longo de suas vidas. Na fala dos entrevistados, tanto homens como mulheres destacam as vivências de trabalho no campo que são consideradas espaços de aprendizagens de cooperação: união da família na realização das tarefas domésticas, no trabalho com a terra e com os animais. Nas lembranças trazidas, são significativas também, e saudosas, as ações solidárias entre os vizinhos. Na vida no campo, sem muitos recursos, as famílias se uniam para se ajudar umas às outras. O trabalho na “roça” era assumido por todos. A família e o trabalho aparecem formando uma unidade indissociável no entendimento das vivências significativas de *cooperação*. No ritual de preparação da terra, os vizinhos juntavam-se em mutirões para vencer o tempo destinado ao plantio ou à colheita.

Por exemplo, nós tínhamos um determinado trecho para roçar, limpar ou capinar, que poderíamos não vencer

até o plantio, nós marcávamos um sábado, carneava um porco, um gado e reunia todos os vizinhos (L – Informação verbal).

Um ia com o arado e os bois e lavravam, os outros capinavam, daí e tinha que bater atrás. E quando tinha o milho e a soja, tudo que tinha que limpar, daí era todo mundo na enxada, todo mundo, pegava um pedaço aqui e ia capinando (A – Informação verbal).

Dentro do grupo de pesquisados, só os homens tiveram experiência no âmbito da ação sindical, no período em que eram trabalhadores assalariados de grandes indústrias do calçado e no processo de fundação da cooperativa. Para eles, tal vivência é considerada significativa, pois evoca aprendizagens de ação coletiva. Para lutar pelas reivindicações do conjunto da categoria dos trabalhadores do calçado, devido a perdas salariais e precárias condições de trabalho, estes sujeitos se articularam junto ao sindicato visando a uma saída coletiva. Temos aqui uma experiência política de cooperação resultante das contradições do mundo do trabalho e dos conflitos gerados na relação capital-trabalho. A participação sindical teve elos de continuidade com a idéia e a implantação da cooperativa. O sindicato esteve presente na consolidação dos primeiros passos. No decorrer da história da cooperativa, atualmente com mais de nove anos, os laços e parcerias com o sindicato estão enfraquecidos. Destaca-se como aprendizado: comunicação, negociação com empresários e com os trabalhadores, liderança, “lidar” com as pessoas.

No tempo sindical em relação à comunicação, aprender a conversar, a negociar, ter espírito de liderança com o pessoal. Isso foi uma experiência rica do tempo do sindicato (JB – Informação verbal).

Ao compartilharem o dia-a-dia da cooperativa, o que foi enfatizado nas entrevistas é a ajuda e colaboração, entre os trabalhadores, durante o processo de trabalho bem como para a união no sentido de alcançarem os objetivos comuns do empreendimento. Na cooperativa, mulheres e homens assumem diferentes tarefas que são designadas por meio de decisão coletiva em avaliações, reuniões e assembléias. Estes são espaços em que vêm se constituindo os aprendizados de cooperação. As tarefas foram aprendidas e ensinadas principalmente pela observação dos colegas e na própria prática [de trabalho e de processos de discussão e decisão coletiva] trocando experiências e se ajudando.

[...] [no trabalho] a gente faz tentativa, a gente ensina. Se for o caso até na mão se pega [para ensinar o ofício] (I – Informação verbal).

Para os entrevistados, foi comum o estabelecimento de associação entre cooperação e “fazer junto”, visando alcançar os mesmos objetivos.

Não depende só de mim, mas do todo, depende do trabalho coletivo. Acho que cooperação é o coletivo trabalhando, de forma equilibrada sem um mais fraco que os outros todos equilibrados (J - Informação verbal).

Pra mim, cooperação é ajudar o outro sempre. Até nas idéias, às vezes a gente não expõe direto numa assembléia. Pergunta pra um, pra outro, o que você acha disso? E assim vai vendo qual a melhor idéia (I – Informação verbal).

Nos relatos dos entrevistados, observa-se que a ação de cooperar é interpretada de diversas maneiras entre seus associados. Enquanto os mais velhos, fundadores, levam em conta a história da cooperativa e os motivos pragmáticos e éticos que os levaram à sua fundação, outros, es-

pecialmente os chegados mais recentemente, a concebem apenas como um lugar que lhes proporciona renda.

Nós vemos que os sócios fundadores têm mais uma idéia do que é cooperativismo, enquanto as pessoas que estão entrando, que são novatas, elas ainda têm na cabeça o negócio da empresa tradicional, elas querem saber de entrar, trabalhar e dia 20 e dia cinco ter o salário. Quer dizer, não tem muito a preocupação com a história, com a relação da cooperativa como empresa deles, que eles são responsáveis, que são eles que produzem que têm os direitos e deveres aqui dentro (JB – Informação verbal).

A visão dos entrevistados encontra eco no entendimento de cooperação de estudiosos do tema:

[...] enquanto ação significa a disposição, o empenho, o compromisso de aprovar, de fazer com, de empreender com, de produzir com, o que pode também ser visto como valor, como resultante de uma representação, de uma visão de mundo e visão de homem. Nessa direção cooperação significa tomar parte de um empreendimento coletivo cujos resultados dependem da ação de cada um (a) dos (as) participantes (Jesus e Tiriba, 2003, p. 49).

As relações de gênero atravessam o trabalho. Na nossa investigação visualizamos diferenças entre homens e mulheres na valorização das dimensões do público e do privado, processo e produto, nas práticas, aprendizados e compreensões de cooperação. Nas lembranças que os pesquisados trazem e nas experiências de vida atuais, aparece a divisão social do trabalho, não entendida a partir de um julgamento de “melhores” ou “piores”, hierarquizando-as, mas que há, sim, práticas que dependem do sexo. O que se percebe é, de certa forma, uma naturalização, e não uma consciência crítica, a respeito da dimensão de gênero.

A minha irmã e a minha mãe plantavam, faziam estes trabalhos mais leves, o mais pesado como lavrar era nosso, meu e do pai (I - Informação verbal).

Tem uma diferença claro, porque muitos homens fazem o trabalho, como exemplo, o homem que costura, a mulher tem mais delicadeza para costurar, eu já não sirvo para este trabalho, eu aprendi um pouco, mas eu não tenho aquela habilidade que as mulheres têm, parece que já nasceu para aquilo, para costurar, claro que tinha um homem que costurava que trabalhava conosco [...] (I – Informação verbal).

Ao abordarmos momentos significativos na vida escolar e como estes contribuíram ou não para a construção de saberes de cooperação, a maioria dos pesquisados de nada lembrou. No que diz respeito aos aprendizados do *ethos* de uma cooperativa, a escola é pouco lembrada como instituição que tenha contribuído para uma predisposição para o trabalho cooperativo; diferentemente de outros espaços que promoveram experiências significativas de cooperação como a família e o trabalho no campo. Entretanto, reconhecem a importância da escola para o saber-fazer no trabalho atual, como também a importância das atividades de formação oferecidas por sindicatos e escola de trabalhadores.

A escola também ajuda por ter um conhecimento maior, por poder te comunicar com as pessoas, mas, na prática eu acho que não tem muita influência. Só que fica difícil uma pessoa que nunca foi na aula e colocar essa pessoa trabalhar no escritório ou fazer um outro trabalho que exige fazer contas ou conhecer talão. Por exemplo, na expedição exige que a pessoa ao menos saiba ler e escrever por que como vai separar remessas se é tudo por cor. Nesse caso faz diferença (JB – Informação verbal).

Ao final do processo, afirmamos a necessidade de um processo de sistematização refletida com os sujeitos das marcas significativas, ao longo da vida, associadas à cooperação, para se tornarem experiências formadoras e, então, integrem um processo contínuo de tomada de consciência na própria socialização cotidiana dos empreendimentos e de práticas favoráveis. Destacamos a relevância do uso das orientações teórico-metodológicas para o resgate dos saberes do trabalho a partir de uma adaptação do referencial de Marie-Christine Josso (1999, 2004), mais especificamente o que ela denomina de “histórias de vida a serviço de projetos”.

Referências

- FISCHER, M.C.B.; FRITSCH, R.; RODRIGUES, A.B.C.; GUEDES, D. da S.; PINHEIRO, L.R.; TITO, N.G. 2005. Biografias formadoras de pesquisadores e de pesquisados: contribuição ao debate sobre histórias de vida e trabalho e formação. In: IV Congresso Internacional de Educação. A educação nas fronteiras do humano, São Leopoldo, 2005. *Anais...* São Leopoldo, UNISINOS, CD-ROM, 16 p.
- FISCHER, M.C.B. 2003. Uma outra produção, validação e legitimação de saberes é possível... e necessária. *Trabalho & Educação*, 12(1): 63-72.
- FISCHER, M.C.B. 2004. Notas sobre saberes da experiência e a constituição de empreendimentos econômicos solidários. *Ciências Sociais UNISINOS*, 40(164):139-151.
- ICAZA, A.M.S. 2004. Autogestão e viabilidade em cooperativas de calçado no Rio Grande do Sul. In: L.I.G. GAIGER (org.), *Sentidos e experiências da economia solidária do Brasil*. Porto Alegre, Editora da UFRGS, p. 55-89.
- JESUS, P. e TIRIBA, L. 2003. Cooperação. In: A.D. CATTANI (org.), *A outra economia*. Porto Alegre, Veraz Editores, p. 49-54.
- JOSSO, M.-C. 2004. *Experiência de vida e formação*. São Paulo, Cortez, 285 p.
- JOSSO, M.-C. 1999. História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as “histórias de vida” a serviço de projetos. *Educação e Pesquisa*, 25(2):11-23.
- SANTOS, E.H. 2003. Processos de produção e legitimação de saberes no trabalho. In: L.A.O. GONÇALVES (org.), *Currículo e políticas públicas*. Belo Horizonte, Autêntica, p. 29-40.

Submetido em: 01/08/2006

Aceito em: 07/09/2006